

AULA 10: 04/11

ALCMENA. (Ἀλκμήνη.) Mulher de Anfitrião e mãe de Hércules. Sobre a sua origem, v. quadro 32, p. 370. Pertence à descendência de Perseu. Dotada de notável beleza, casara-se com Anfitrião, mas sem lhe conceder o direito de consumir o casamento enquanto ele não tivesse executado uma certa vingança (v. *Anfitrião*). Viveu exilada com ele em Tebas. Anfitrião partiu em expedição contra os Teléboos, e foi no momento do seu regresso que Zeus se uniu à sua jovem esposa. Para atingir os seus fins, o deus tomara a forma de Anfitrião, pois já conhecia a virtude de Alcmena. Segundo uma tradição, Zeus terá prolongado esta noite nupcial pelo espaço de três dias completos. Para isso, ordenara ao Sol que não se levantasse antes que todo esse tempo tivesse passado. Quando Anfitrião reentrou em casa, estranhou não ser acolhido com mais entusiasmo. Quando lhe começou a narrar a sua campanha e a sua vitória, Alcmena respondeu-lhe que já conhecia todos esses pormenores. Ao ser consultado sobre este mistério, Tirésias revelou ao marido o seu glorioso infortúnio. Alcmena gerou um par de gémeos que deviam nascer com o intervalo de uma noite: Hércules, filho de Zeus, e Íficles, filho de Anfitrião. Alcmena teria sido, diz-se, a última das mortais a quem Zeus se teria unido. Mas Anfitrião pensou, inicialmente, em castigar a sua mulher quando soube dos felizes empreendimentos de Zeus. Decidiu queimá-la sobre uma pira, mas Zeus fez cair uma chuva que extinguiu as chamas. Perante esta intervenção directa da divindade, Anfitrião perdoou-lhe. Todavia, nas proximidades do parto, Hera, ciumenta da sua rival, uma mortal, tentou, como deusa dos partos, prolongar o mais possível a gravidez de Alcmena. A deusa tinha ainda mais um motivo para isso: um oráculo de Zeus permitiu-lhe, regulando o momento dos nascimentos, submeter Hércules ao jogo de Euristeu (v. *Hércules e Euristeu*).

Mais tarde, Alcmena ficou viúva e acompanhou Hércules quando o herói, com o seu irmão Íficles e o filho deste, Iolau, tentou reconquistar Tirinte, a sua pátria de origem, após ter cumprido os seus trabalhos. Mas Euristeu

impediu-o de realizar o seu plano. Todavia, na altura da apoteose de Hércules, Alcmena encontrava-se em Tirinte com uma parte dos seus netos (os outros encontravam-se em Corinto e em Tráquin). Morto Hércules, Euristeu mandou expulsar Alcmena de Corinto e conseguiu que o rei de Tráquin, Ceíce, fizesse o mesmo aos descendentes de Hércules que habitavam no seu reino. Refugiaram-se todos em Atenas, onde encontraram protecção. Euristeu exigiu aos Atenenses que os expulsassem. Os Atenenses recusaram-se e, na guerra que se seguiu, Euristeu encontrou a morte. Levaram a sua cabeça a Alcmena, que lhe arrancou os olhos com uns fusos. Depois disto, Alcmena viveu em Tebas com os descendentes de Hércules. Morreu em idade avançada. Na ocasião da sua morte, Zeus enviou Hermes a recolher o seu corpo para o transportar para as Ilhas dos Bem-Aventurados, onde ela desposou Radamante. Segundo outros, ela foi arrebatada até ao Olimpo, onde participou das honras divinas de seu filho. Por vezes, contava-se ainda que, após a morte de Anfitrião, num combate ao lado de Hércules, Alcmena desposara Radamante, na altura exilado, e com ele vivera na Beócia, em Ocálea.

(1) Aristófanes, *Os Acarnenses*, vv. 497-503, trad. Maria de Fátima de Souza e Silva:

DICEÓPOLIS

Não levem a mal, espectadores, que eu, um mendigo, vá falar aos Atenenses a respeito da cidade, numa *comédia* [τρυγωδίαν]. Porque o que é justo também é conhecimento da *comédia* [τρυγωδίαν]. Ora, o que eu vou dizer é arriscado, mas é justo. Desta vez, Cléon não me pode acusar de dizer mal da cidade na presença de estrangeiros. Estamos sós, este é o concurso das Leneias, não há estrangeiros presentes.

(2) Aristófanes, *Os Acarnenses*, vv. 628-634 e 655-663, trad. Maria de Fátima de Souza e Silva:

CORO

[...] Desde que dirige coros de *comédia* [τρυγικοῖς], o nosso poeta nunca se apresentou perante o público para gabar seu talento. Mas como foi acusado pelos inimigos perante os Atenenses, sempre prontos a tomarem decisões de, nas *comédias* [κωμωδεῖ], maltratar a nossa cidade e o seu povo, ele sente necessidade de hoje, aqui, responder a esses ataques perante os Atenenses, sempre prontos a mudarem de decisões. Afirma o poeta ter-vos prestado muitos e bons serviços, ao impedir que vocês fossem redondamente enganados por discursos de estrangeiros que se deixassem levar por lisonjas, que se tornassem numa gente mole. [...] Mas vocês não o deixem partir, porque nas *comédias* há-de sempre defender a justiça [κωμωδῆσει]. Diz ele que há-de vos ensinar muitas coisas boas, a felicidade por exemplo, sem vos lisonjear, sem vos prometer dinheiro, sem vos ludibriar nem um pouco que seja, sem tralfulhices nem catadupas de elogios. Mas que vos há-de ensinar onde está o bem. Depois disto, que Cléon promovia e arquitete contra mim toda a casta de perseguições. O bem e a justiça não-de ser os meus aliados, e não me não-de apanhar nunca, como a ele, a ser cobarde ou invertido para com a cidade.